

Documentação  
 Ambiente Hoje Ano 18 nº 56  
 Julho 1998 p. 6 e 7  
 Class. 49

**P**ode acabar, vai acabar, está acabando. A Mata Atlântica está por um triz. É a segunda floresta mais ameaçada do mundo, depois das florestas de Madagascar, na África. Restam apenas 7,2% da exuberante floresta que cobria 15% do território brasileiro, do Rio Grande do Sul ao Ceará. De 1990 a 1995, foram desmatados 500 mil hectares em nove estados (confira quadro). Foram consumidos 5,76% do que ainda resta da mata. Os dados são do levantamento feito pela Fundação SOS Mata Atlântica a partir de fotos de satélite do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), divulgado em maio.

Nesse passo, a Mata Atlântica não irá durar 50 anos. O ritmo da devastação é 2,5 vezes mais rápido que o do desmatamento na Amazônia. O levantamento mostrou que esse ritmo diminuiu no período 90-95 em relação ao período 85-90 (6,2%), mas os ambientalistas alertam para o fato de o desmatamento ter-se "estabilizado" em índices muito elevados

em nível nacional.

No Centro-Oeste e no Rio de Janeiro, ao contrário, houve acentuado avanço das motosserras sobre a floresta. O Rio de Janeiro é o campeão nacional do desmatamento, tendo perdido em cinco anos 13,13% de Mata Atlântica em seu território, 140 mil hectares, o equivalente a 196 mil campos de futebol. O Mato Grosso do Sul perdeu 9,6% dos remanescentes da floresta; Goiás perdeu 9,1%.

No Paraná e em Santa Catarina houve razoável diminuição da devastação em termos percentuais: 4,66% e 3,64%, respectivamente. Mas o tamanho da área desma-

tada é de assustar: 84.600 hectares no Paraná e 62.900 hectares em Santa Catarina. Em São Paulo, de 90 a 95, foram desmatados 67.400 hectares. "O país perdeu de Mata Atlântica o equivalente a um campo de futebol a cada quatro minutos", afirma o ambientalista João Paulo Capobianco, do Instituto Socioambiental (ISA), que coordenou a análise dos dados.

A Bahia, onde a Mata Atlântica é derrubada com voracidade pelos produtores de cacau, não entrou no levantamento. Muitas nuvens nas fotos de satélite impediram uma análise precisa da cobertura vegetal do Estado.

**A destruição por Estado**

Estado	Área desmatada (em hectares e %)
Espirito Santo	22.428 5,47%
Goiás	648 9,1%
Mato Grosso do Sul	4.197 9,59%
Minas Gerais	88.951 7,32%
Paraná	84.609 4,66%
Rio de Janeiro	140.372 13,13%
Rio Grande do Sul	28.793 5,38%
Santa Catarina	62.919 3,64%
São Paulo	67.400 3,62%

**Minas Gerais é o segundo estado mais devastador**

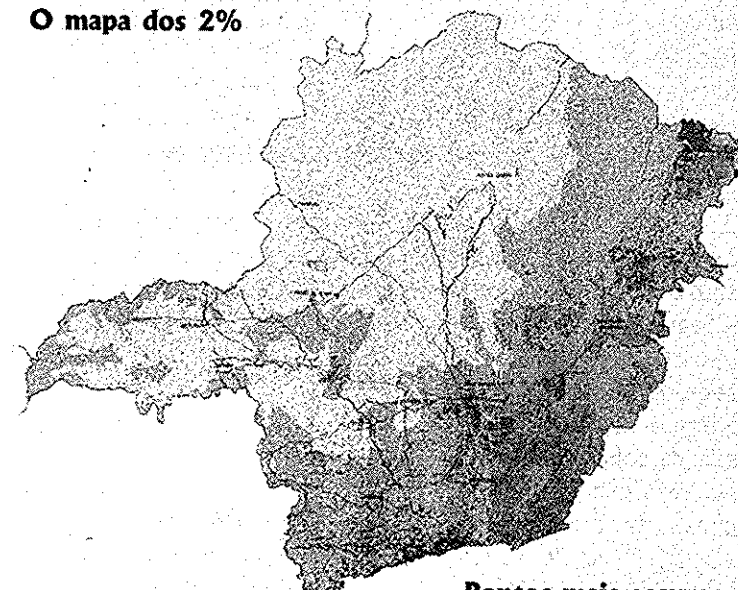
Minas Gerais é o segundo maior devastador da Mata Atlântica em números absolutos e o quarto maior em termos percentuais. Foram desmatados de 90 a 95 no Estado 88.950 hectares, cerca de 7,32% da floresta existente em 1990. O que sobrou da Mata Atlântica mineira? Segundo o levantamento da SOS Mata Atlântica, 2,1%. Segundo o Instituto Estadual de Florestas (IEF), que é o órgão responsável pela emissão das autorizações de desmate e pela fiscalização da cobertura vegetal no Estado, resta apenas 1,91%. Se forem consideradas as áreas em estágio inicial e médio de regeneração, o índice vai para 9%, segundo o diretor de monitoramento e controle do IEF, Humberto Candeias Cavalcanti.

Os agentes do desmatamento em Minas são há muito conhecidos: produtores de carvão vegetal, o setor guseiro, pecuaristas, agricultores e empreendimentos

imobiliários. A lógica que ainda prevalece é a da substituição da floresta pelo pasto para o gado, pelas plantações de café em especial (Minas é o maior produtor brasileiro, com 55% do mercado) e pelos loteamentos. Isso sem falar do crime cometido pelas usinas de ferro gusa que queimam a Mata Atlântica em seus fornos.

Segundo Cavalcanti, o período de maior desmatamento no Estado ocorreu até 1992, 1993, quando entrou em vigor a Lei Florestal estadual. O diretor do IEF afirma que atualmente a situação está melhor. "De 95 até 98, está ocorrendo o processo inverso de regeneração da floresta", diz. Como exemplo, ele cita o caso da Zona da Mata e da região de Almenara (onde em 10 anos houve apenas 60 hectares desmatados). Situações pontuais de aumento do desmatamento, contudo, ocorreram nas regiões de Mantena (em função da expansão da cafeicultura) e

O mapa dos 2%



Pontos mais escuros = áreas remanescentes de Mata Atlântica

de Rio Vermelho e Serro, onde 315 pontos de desmate feitos por pequenos produtores rurais foram detectados pela fiscalização do IEF. Segundo Cavalcanti, o ór-

gão não está autorizando novos planos de manejo em áreas de Mata Atlântica. "Os remanescentes não possuem mais estoque para manejo em Minas", diz.

**Remanescentes são apenas 2%**

Originalmente, a Mata Atlântica abrangia cerca de 40% do território de Minas Gerais, da divisa com São Paulo até a Bahia. Hoje, há cerca de 2% da floresta original. As principais áreas remanescentes são o Parque Estadual do Rio Doce, no leste do Estado, e a região da Área de Proteção Ambiental da Região Metropolitana de Belo Horizonte (Apa-Sul).

Outros locais onde a Mata Atlântica pode ser ainda encontrada são: Serra da Mantiqueira, Serra do Brigadeiro, Serra do Papagaio, Serra do Itatiaia, Serra do Caparaó, região de Caratinga (já com unidades de conservação em alguns pontos), Poços de Caldas, Além Paraíba (no sul de Minas, últimos remanescentes da Mata Atlântica em baixada no Estado), região do Alto Mucuri e do Médio Jequitinhonha (estas últimas, onde a floresta é pouco conhecida).

**Ambientalistas querem aprovação de projeto de lei**

A luta pela preservação da floresta mais rica em biodiversidade do planeta trava-se especialmente nos gabinetes dos poderes Executivo e Legislativo, onde a batalha é intensa entre ambientalistas, ruralistas e madeireiros. O motivo da contenda mais recente, que dura já seis anos, é o PL 3.285 — projeto de lei de autoria do deputado Fábio Feldmann (PSDB-SP), que tramita na Câmara dos Deputados desde 1992 e que até hoje não foi levado a plenário.

Agora, em outra investida, o deputado Luciano Pizzatto (PFL-PR) quer reduzir o domínio da Mata Atlântica apenas à floresta ombrófila densa, excluindo outros tipos de floresta ombrófila (como a de araucárias, por exemplo), manguezais, restingas e campos de altitude, etc. Isso significaria reduzir a proteção dada pelo PL 3.285 a apenas 20% da área da floresta. Pizzatto foi incluído este ano na Lista Suja da Amda e de outras ONGs brasileiras.

O PL prevê restrições para a realização de empreendimentos em áreas de Mata Atlântica e estabelece critérios para manejo seletivo e ações dos produtores rurais. O projeto substituiria o Decreto 750/92, assinado pelo então presidente Itamar Franco.

O projeto ficou dois anos "arquivado" na gaveta do deputado Paulo Bornhausen (PFL-SC), que apresentou substitutivo que permitia o corte raso da mata e transferia a responsabilidade do licenciamento a supostos Conselhos Municipais da Mata Atlântica, que seriam criados. O substitutivo de Bornhausen recebeu um bombardeio de críticas da opinião pública. Comissão formada por ambientalistas e deputados refez o texto, que ficou ainda melhor que o original, segundo a Rede de ONGs da Mata Atlântica.



**A Mata Atlântica por um triz**

**Conheça o bioma Mata Atlântica**

A Mata Atlântica cobria originalmente uma área de 1.129.069 quilômetros quadrados do território brasileiro. Hoje, sobraram 79.035 quilômetros quadrados, em remanescentes esparsos. O bioma é composto por uma série de formações florestais: Floresta Ombrófila Densa, Floresta Om-

brófila Mista (araucárias), Floresta Ombrófila Aberta, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Estacional Decidual, manguezais, restingas e campos de altitude associados, brejos interioranos e encraves florestais do Nordeste. Atinge 17 estados: Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe,

Bahia, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Apesar da devastação, a Mata Atlântica ainda abriga enorme riqueza em biodiversidade, com altos níveis de endemismo (ocorrência exclusiva de espécies em

determinado lugar). A Mata Atlântica abriga 261 espécies de mamíferos (73 endêmicas), 620 espécies de pássaros (60 endêmicas) e 260 de anfíbios (128 endêmicas). Das 202 espécies de animais ameaçados de extinção, 171 são do bioma. Das sete espécies brasilei-

ras extintas recentemente, todas eram da Mata Atlântica. A flora é exuberante. São mais de 10 mil espécies de plantas conhecidas, das quais quase 500 espécies diferentes de árvores.

**As ameaças**

**Madeireiros**

A extração irresponsável de madeira passou dos limites em alguns pontos do país. Uma resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente determinou a revisão dos planos de manejos e a suspensão da extração de árvores nativas da Mata Atlântica na Bahia. Madeireiros do sul da Bahia estão inconformados e agora ameaçam atear fogo na floresta.

**Assentamentos**

Invasão e assentamento de sem-terra avançam sobre remanescentes

de Mata Atlântica. Em Cachoeiro do Itapemirim (ES), 300 sem-terra ocupam desde 97 área de mata instituída pelo Ibama, em 21 de maio deste ano, como Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN). Em Cachoeiras de Macacu (RJ), assentamento em área de 4.300 hectares, também de mata, está sendo transferido pelo Incra depois da pressão de ambientalistas. Em Abelardo Luz (SC), outra invasão ameaça 5.000 hectares de mata, última amostra significativa da região oeste do Estado. O MST finge que não é com ele.

**Carvão vegetal**

Para capitalizar a fazenda, pro-

dutores rurais desmatam ilegalmente para fazer carvão. Grandes compradores de carvão são as usinas de ferro gusa, que usam de mil artifícios para burlar a lei e a fiscalização. Duas delas, Siderleste e Santa Maria, participam da Lista Suja da Amda.

**Pecuaristas e agricultores**

Os primeiros derrubam a floresta para formar pasto; os últimos, para ampliar suas plantações. O desmate — que só pode ser feito com autorização do IEF e, no caso de Mata Atlântica, não é permitido — ocorre de forma ilegal. Alguns técnicos são coniven-

tes e a fiscalização não dá conta de fazer cumprir a lei.

**Expansão urbana**

O avanço das cidades é outro fator de ameaça à Mata Atlântica. Na região de Belo Horizonte, loteamentos impactam áreas da Serra do Rola Moça e da Serra do Curral. O Parque do Rio Doce, a maior área contínua de Mata Atlântica do Estado, sofre com as agressões de loteamentos em Tigalmóte. A proximidade com áreas

urbanas aumenta ainda a ocorrência de caça, vandalismo e incêndios florestais.

**Mineração de bauxita**

A extração de bauxita, matéria-prima para fabricação do alumínio, vem se expandindo em áreas de Mata Atlântica. Os órgãos ambientais têm permitido o licenciamento da atividade de apenas em áreas não-florestadas.